

Renúncia Papal: uma Análise de Conteúdo das Reportagens de Zero Hora¹

Laura Gomes da SILVA²

Hélio Afonso ETGES³

Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, RS

Resumo

Este trabalho aborda a cobertura da renúncia do Papa Bento XVI por meio da análise das três reportagens produzidas pelo enviado especial Rodrigo Lopes do jornal *Zero Hora*. O objetivo desta pesquisa foi analisar o conteúdo jornalístico presente nos textos. O jornalismo internacional foi discutido por meio do viés da tecnologia e da sua importância nos jornais brasileiros. A análise foi estruturada com trechos das reportagens e com tabela que ilustra a contagem de palavras relacionadas ao conteúdo. A partir disso, constatou-se que diversos termos se repetiram tanto na mesma reportagem quanto no conjunto e que faltou contextualização para entender o significado de algumas expressões na mensagem transmitida.

Palavras-chave: análise de conteúdo; enviado especial; jornalismo internacional; reportagem; Zero Hora.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo foi produzido a partir da monografia de mesmo título, apresentada no segundo semestre de 2013 no Curso de Comunicação Social da Universidade de Santa Cruz do Sul, na qual foi analisado o texto de um tipo específico de evento internacional, tendo como objeto de estudo a cobertura da renúncia do Papa Bento XVI. A temática do jornalismo internacional foi estudada com a análise de conteúdo de três reportagens publicadas nas edições 17.308, 17.309 e 17.310 da *Zero Hora*, feitas pelo enviado especial Rodrigo Lopes entre 25 e 28 de fevereiro de 2013, período em que cobriu os fatos diretamente do Vaticano. Para dar conta deste recorte buscou-se estudar o texto jornalístico produzido pelo enviado especial durante esta cobertura internacional.

A construção do referencial teórico foi feita a partir da pesquisa bibliográfica e documental. O procedimento adotado foi o de análise de conteúdo, por meio da contagem

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática da área 1, Jornalismo do Intercom Júnior - X Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduanda do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Unisc, email: laurags_19@msn.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social da Unisc, email: helioetges@yahoo.com.br.

de palavras em conjunto com a avaliação de trechos dos textos. Com esse método foi possível analisar o conteúdo presente das reportagens e entender o significado dos termos utilizados no contexto das pautas abordadas.

2 A INFORMAÇÃO COMO CATEGORIA DO JORNALISMO

Para compreender o jornalismo é necessário entender o seu objetivo, o qual “haverá de ser a atribuição de sentido, a informação orientada para temas de relevância social a longo prazo” (KUNCZIK, 1997, p. 390). A informação trabalhada auxilia no entendimento do que está acontecendo na comunidade. O jornalismo “capta, transforma, produz e faz circular acontecimentos, interpretando e nomeando situações e sentimentos do presente” (BERGER, 2002, p. 283). Ele faz uma construção da realidade, a qual trabalha com os acontecimentos.

As histórias são grande parte do que a comunidade recebe do jornalismo. Isso pode se dar pelo fato de que “não há nada que satisfaça tanto a alma humana como a história” (PEUCER, 2004, p. 15). Essa troca de informações “reflete uma necessidade humana: a transmissão do conhecimento por intermédio da narrativa escrita, direta, natural, coloquial” (CAVERSAN, 2009, p. 3). Porém, não apenas no jornalismo escrito. Outros meios de comunicação também transmitem conhecimento. Se essa atividade é feita para as pessoas, elas devem compreender o que está sendo transmitido. E essa é função do jornalismo: traduzir as informações.

As informações abordadas no jornalismo informativo, que lida com “a reprodução do real” (MELO, 2003, p. 62), devem ser passadas de forma clara e objetiva para os leitores, sem que, em seu conteúdo, seja manifestada a opinião de quem as escreveu. “O discurso informativo é atravessado a todo instante por uma intenção, que é a de atingir plenamente o destinatário” (SODRÉ; FERRARI, 1977, p. 7). Quem lê o conteúdo dos jornais tem uma intenção: manter-se informado sobre os acontecimentos. É com a intenção de informar aos leitores é que a categoria informativa do jornalismo é pensada e produzida.

O jornalismo informativo trabalha com informações, as quais estão relacionadas com os acontecimentos do cotidiano da população. Elas são veiculadas nos periódicos por meio de notícias, reportagens, notas e entrevistas. “No jornalismo informativo, o relato terá sua estrutura dependente de variáveis externas: os acontecimentos e a relação estabelecida entre o jornalista e os protagonistas do acontecimento.” (COSTA, 2010, p. 45). Os gêneros

informativos possuem diferentes formas de escrita e estilo, mas devem seguir a mesma linha: responder às questões básicas do lide e informar ao leitor.

O discurso informativo, à custa de atingir o maior número possível de pessoas, não precisa, forçosamente, submeter-se à linguagem estereotipada, convencional, tolhida. Pretender um texto claro e objetivo não significa despi-lo de qualquer atrativo vocabular, nem limitar-lhe o número de palavras, em função de uma receptividade maior. (SODRÉ; FERRARI, 1977, p. 8).

A produção jornalística deve ser de vocabulário acessível para os mais diversos tipos de pessoas. A maneira com que a mensagem está sendo passada deve ter como foco a própria mensagem. Cada história pode ser contada de diversas formas, mas de nada adianta se ela não for compreendida pelo público do veículo. A categoria informativa possui quatro gêneros: notícia, reportagem, entrevista e nota (MELO, 2003). Cada um desses gêneros explora formatos específicos para transmitir as informações.

2.1 Reportagem

Os textos jornalísticos que abordam os acontecimentos de forma mais profunda, isto é, com mais detalhes, descrição, fontes e contexto são conhecidos como reportagem. “A reportagem amplia a cobertura de um fato, assunto ou personalidade, revestindo-os de intensidade, sem a brevidade da forma-notícia” (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 75). Esse material vai além do relato dos acontecimentos. São exploradas fontes de informação, o que resulta em mais pontos de vista sobre o assunto.

A reportagem é um olhar mais amplo sobre o mesmo fato. Por ter mais dados em seu conteúdo, a reportagem necessita de mais pesquisa. “A reportagem é o relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que são percebidas pela instituição jornalística.” (MELO, 2003, p. 66). O tamanho do texto varia, podendo ser mais longo do que a notícia e com mais informações. A contextualização dos acontecimentos é o ponto primordial, pois ajuda o leitor a entender, de forma mais clara, o que está acontecendo.

Embora a reportagem não prescindia de atualidade, esta não terá o mesmo caráter imediato que determina a notícia, na medida em que a função do texto é diversa: a reportagem oferece detalhamento e contextualização àquilo que já foi anunciado, mesmo que seu teor seja predominantemente informativo. (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 18).

A reportagem tem o recurso de usar uma linguagem rica em detalhes. Descrever o ambiente, os gestos, as pausas e até o silêncio auxilia o leitor na compreensão do cenário como um elemento dos fatos. Para ela, “não é bastante ser verdadeira; reportagem tem que

parecer verdadeira – ser verossímil. Isso exige certa técnica na dosagem da seleção e combinação de elementos” (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 107). Para que o texto tenha credibilidade, é importante escolher de forma adequada os elementos que vão compor a reportagem. A descrição é importante, mas deve ser assegurada com dados sobre os fatos como números de pesquisas e falas dos responsáveis.

Por mais que cada reportagem tenha assuntos diferentes e estilos de escrita que variam de acordo com cada repórter, esse conteúdo jornalístico segue certo padrão durante a produção. Considerando narrativa como “todo e qualquer discurso capaz de evocar um mundo concebido como real, material e espiritual, situado em um espaço determinado” (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 11), as principais características de uma reportagem são

a) predominância da forma narrativa b) humanização do relato c) texto de natureza impressionista d) objetividade dos fatos narrados. Conforme o assunto ou o objeto em torno do qual gira a reportagem, algumas dessas características poderão aparecer com maior destaque. Mas será sempre necessário que a narrativa (ainda que de forma variada) esteja presente numa reportagem. Ou não será reportagem. (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 15).

Humanizar o relato é contar a história colocando as fontes em destaque, mas com relação à sua história. Não se deve jogar os fatos sem cuidado com a escrita. É importante guiar o leitor ao longo do texto, com ele escrevendo de forma objetiva e mostrando a realidade do que as fontes contaram.

3 JORNALISMO INTERNACIONAL

As informações veiculadas pela imprensa são oriundas de diferentes áreas. Para facilitar a busca das notícias, o conteúdo é distribuído nas páginas do jornal de acordo com campos de interesse, divididos por editorias. Não são apenas as notícias nacionais que configuram o cenário da imprensa brasileira: os fatos que acontecem no exterior também fazem parte do cotidiano dos meios de comunicação. Porém, apenas alguns eventos internacionais são divulgados no Brasil. “Nem tudo o que é notícia aparece no noticiário internacional. O noticiário não constrói um retrato do mundo com determinado grau de exatidão. Muita coisa que será vista no futuro como de capital importância histórica é diariamente deixada de lado.” (NATALI, 2004, p. 12). Assim como nas outras áreas do jornalismo, a parte que abrange os acontecimentos mundiais também precisa selecionar os fatos mais importantes para o público nacional.

3.1 A influência das tecnologias

As tecnologias afetam diretamente o fazer jornalístico de quem trabalha com os fatos internacionais. A facilidade das viagens, a possibilidade dos telefonemas e, mais recentemente, a chegada da internet como forma de disponibilização de informações em tempo real, tanto para o jornalista que trabalha em outro país quanto para o que reporta os fatos diretamente da sede do veículo, modificou a produção jornalística.

A comunicação se tornou mais acessível. “São avanços como máquina a vapor, motor elétrico, telefone, rádio, televisão, computador ou internet que funcionam como alavancas de transformação da humanidade, como verdadeiras bases do processo civilizador.” (SIQUEIRA, 2007, p. 15). Essas bases modificaram, e ainda modificam, a rotina das pessoas. Se antes era preciso esperar dias por uma informação ou horas para conseguir uma ligação, hoje a comunicação pode ser feita com um toque na tela do celular. “Esse mundo de tecnologias sem fio abrange todas as formas de comunicações baseadas em sinais de rádio, desde o telefone celular até as comunicações via satélite e as redes *wireless*.” (SIQUEIRA, 2007, p. 25-26). As tecnologias se solidificaram com o tempo e hoje proporcionam esta facilidade na troca de informações sem que se enxergue a forma de transmissão, mas ela está próxima.

As máquinas de escrever da redação evoluíram para o computador, que tem acesso à internet e, assim, com o mundo. A tecnologia dos celulares também se modificou. “Os *smartphones* se tornaram tão comuns (ou até mais comuns) quanto caneta e papel para o trabalho do jornalista” (SILVA, 2011, p. 66). Se o objetivo do celular, quando foi inventado, era realizar ligações, hoje em dia esse recurso está no meio de outros proporcionados pelo aparelho.

No limite, o correspondente agora é capaz de sobreviver em qualquer lugar do mundo e fazer o seu trabalho apenas com *smartphones*, carregador de bateria e cartão de crédito, que pode perfeitamente carregar nas próprias mãos. Mas na maior parte da história, ele teve de carregar muito mais para só cumprir sua missão básica de escrever, fotografar, filmar e enviar para a sede seus textos ou imagens. Pesadas máquinas de escrever, câmeras, material para revelação eram o mínimo. (SILVA, 2011, p. 59).

O repórter que está fora de seu país não conta com a estrutura de redação que o veículo apresenta na sua sede. Por trabalhar sem esse apoio, a dificuldade para carregar o material necessário para a produção de conteúdo pode ser maior. Era um equipamento para cada função. A máquina fotográfica, a câmera de vídeo, o gravador e, dependendo do grau de relevância da notícia, um computador com acesso à internet para enviar a matéria o mais

rápido possível (SILVA, 2011). Porém, atualmente, se o repórter for portador de um celular com mais recursos tecnológicos, ele conseguirá realizar todas essas atividades com apenas um aparelho de fácil transporte.

Para o jornalismo, não adianta ter a informação pronta e não conseguir enviá-la. Com isso, chega-se ao advento da internet. Ela “foi uma revolução de verdade para o jornalismo internacional” (NATALI, 2004, p. 57), pois possibilitou o envio de informações com agilidade para qualquer lugar do mundo. A dependência dos correios passou a diminuir gradativamente, assim como as ligações por telefone e o contato físico com as fontes. A distância deixou de ser o maior empecilho para o repórter que cobre as áreas internacionais.

A internet

fez com que o redator abandonasse seu papel passivo diante dos telegramas das agências. Deu a ele um poder de intervenção inimaginável na elaboração mais pessoal de um texto noticioso. De certo modo, desapareceu ou se tornou bem mais tênue a fronteira que separava o redator do repórter. O redator também pode – e deve – apurar. (NATALI, 2004, p. 57).

Entendendo-se o redator como a pessoa que escreve as informações e o repórter como aquele que recebia o material no jornal sem interferir na apuração dos fatos, estes passaram a ser conferidos também por quem recebe a matéria no jornal. Além de ter a possibilidade de acrescentar informações, também é possível conferir o que está ali, com a finalidade de checar a sua veracidade. O repórter passou a interferir no processo.

3.2 Relevância do internacional no nacional

Três elementos preponderam para o noticiário internacional estar presente na mídia brasileira. São eles: “1) é o noticiário mais barato e mais fácil de adquirir; 2) é o tipo de noticiário que não traz preocupações para os diretores de empresas; 3) é o noticiário com que os diretores mascaram suas edições na tentativa de torná-las menos provincianas possível” (AMARAL, 1978, p. 123). O jornalismo internacional considerado o com menos custo é aquele no qual o jornalista, na redação, recebe o material sem precisar viajar ou presenciar o fato para noticiá-lo. Encontrar notícias relacionadas a esses e outros assuntos é possível para os jornais locais por meio, também, das agências de notícias.

Os jornais fazem a cobertura das principais fontes de notícias por sua própria conta, pois cada jornal quer suas notícias transmitidas no estilo que prefere. Entretanto, assinando a agência local, os jornais podem complementar sua própria cobertura, e também se beneficiam com o recebimento de uma massa de pequenas notícias que sua equipe não colhe. (BOND, 1962, p. 152).

Ter repórteres disponíveis em vários países não está dentro do orçamento da maioria dos jornais. Por conta disso, o material fornecido pelas agências de notícias é útil tanto para o jornal quanto para o leitor, já que assim é possível publicar a notícia sem pagar a um repórter exclusivamente por isso.

O leitor pode procurar se informar sobre as notícias da sua região para se atualizar. Porém, o que acontece no mundo pode resultar nos acontecimentos regionais do Brasil também. “Com intensidade cada vez maior, a população brasileira vai sentir que precisa saber o que se passa na Europa, nos EUA, no Japão, na Rússia, na China, na África, na América do Sul.” (SILVA, 2011, p. 175). É a necessidade de informação para contextualizar os acontecimentos do próprio país. Por facilitar o contato, a internet faz com que tudo se pareça próximo, possibilitando às pessoas conhecerem outras culturas e buscarem entender as realidades por meio das notícias.

4 ENVIADO ESPECIAL: O REPÓRTER LONGE DE CASA

Dentro das atividades previstas na função do repórter está a cobertura dos acontecimentos que serão noticiados pelo jornal. Pode acontecer de esses assuntos se desenrolem em locais onde o veículo não tenha profissionais para realizar a apuração. Para tanto, quem faz esta cobertura jornalística é o enviado especial, o qual se encarrega de “cobrir informação sobre acontecimentos de particular relevância nos lugares em que a emissora não conta com correspondente⁴” (BLÁZQUEZ, 2000, p. 427). Desta forma, se o jornal quiser material exclusivo sobre o assunto, isto é, não for noticiar os acontecimentos com base nas agências de notícias, terá que deslocar um profissional que possa realizar a tarefa adequadamente.

Por questões financeiras, grande parte das coberturas é feita à distância. Porém, para os principais eventos mundiais, os veículos que dispõem de mais recursos financeiros deslocam enviados especiais para realizarem a cobertura. Este profissional é classificado como um “jornalista graduado e que cobre eventos específicos apenas por alguns dias” (SILVA, 2011, p. 90). Isto faz com que o conteúdo produzido pelo repórter do jornal seja único e direcionado para aquele público específico. O enviado especial trabalha, mesmo que por curto período de tempo, sem o suporte e a estrutura da redação. Muitas vezes sozinho, ele precisa se adaptar ao local dos acontecimentos para realizar o seu trabalho.

⁴ O correspondente, citado por BLÁZQUEZ (2000), é um repórter vinculado a um meio de comunicação que reside em outra cidade ou país e é responsável por reportar os acontecimentos daquele lugar.

Uma vez acolhido pela população local, em uma vila ou comunidade, o enviado especial sabe que pode dormir tranquilo: nada vai lhe acontecer de mal. Não porque os anfitriões tenham medo. Ao receberem o forasteiro, normalmente solitário, com um colete de jornalista de vários bolsos e uma mochila cheia de equipamentos eletrônicos, os nativos tornam-se senhores de sua situação: são eles que decidem se aceitam ou não o estranho, se o expulsam ou permitem, por alguns dias, que ele compartilhe sua rotina. (LOPES, 2011, p. 17).

A função do enviado especial seria a mesma do repórter que está em seu país de origem, mas com o acréscimo de estar longe de casa, tendo que se comunicar em outra língua, lidando com diferente cultura, descobrindo como se deslocar entre os pontos nos quais acontecem os fatos e procurando fontes sem saber em quem pode ou não confiar. O enviado especial

não domina nenhum assunto e domina todos ao mesmo tempo. [...] Ele é apenas um repórter longe de casa que, frequentemente de supetão, se vê despachado para um canto remoto do país ou do planeta para demonstrar, em questão de dias ou horas, por que se deve prestar atenção ao que está ocorrendo. (RECH, 1997, p. 11).

O que diferencia o enviado especial do correspondente internacional é a duração da permanência deste profissional no país de destino. Para entender o que acontece em território internacional, é preciso que ocorra a imersão na cultura local. “Mesmo que o correspondente viva anos num país, se não tiver esse tipo de contato com o nacional típico da sociedade que cobre, ele não será capaz de compreender a alma do seu povo.” (SILVA, 2011, p. 34). Esta falta de entendimento sobre a cultura em que se está inserido pode ter resultado nos relatos enviados para o jornal. As informações podem não ficar claras o suficiente para o leitor, o que prejudica o trabalho do jornalista. “Também estes enviados especiais tropeçam com dificuldades significativas, sobretudo em razão dos diversos graus de competitividade que podem surgir.” (BLÁZQUEZ, 2000, p. 427). Por permanecerem por poucas horas ou dias no local da cobertura, os enviados especiais precisam lidar com a dificuldade de não terem os contatos que os jornalistas locais possuem.

5 A RENÚNCIA PAPAL PELA ZERO HORA

A cobertura da renúncia do Papa Bento XVI realizada pelo enviado especial Rodrigo Lopes foi multimídia. O repórter produziu conteúdo em vídeo, áudio, fotografia e textos, o qual foi veiculado nos meios de comunicação do Grupo RBS. Para o meio impresso o enviado especial fez material informativo – reportagens – e opinativo - crônicas, utilizadas como diário da cobertura. A escolhido analisar as reportagens produzidas para meio o impresso durante a renúncia de Bento XVI na cobertura feita pelo enviado especial.

As fontes citadas nas reportagens trazem opiniões de padres, arcebispos e cardeais sobre a decisão de Bento XVI de renunciar ao comando da Igreja Católica. A narrativa fala dos fiéis ao Papa, mas não expõe seus relatos. Algumas falas são do próprio Bento XVI antes e no ato da renúncia. “A investigação do repórter é um método próprio, que passa pela conversa com as fontes (daí a necessidade das múltiplas técnicas de entrevistas), pelo cruzamento de dados públicos ou de interesse público, pela avaliação crítica de discursos os mais diversos.” (BUCCI, 2012, p. 29). Os entrevistados devem acrescentar dados à narrativa. O repórter deve ter habilidade para conseguir fontes que tenham credibilidade e que compartilhem as informações.

A escolha das fontes foi definida pelo enviado especial como difícil. “Busco mais contatos com os brasileiros. Os cardeais brasileiros, os representantes da Igreja brasileira lá e gaúchos, para estabelecer esse contato com o público daqui. Daí eles conhecem a RBS, conhecem a Zero Hora, tem interesse em falar pra cá.” (LOPES, 2013). A presença de brasileiros, em específico os gaúchos, nas matérias gera identificação com os leitores.

TABELA 1 - Contagem das reportagens em conjunto

Palavra	Quantidade
Papa/papas	46
Bento XVI	18
Cardeal/cardeais	16
Vaticano	15
Igreja	13
despedida/verbo despedir	13
dia/dias	12
Emérito	9
Roma	9
Pontífice/pontífices	9
fiéis	7
conclave	7
Ratzinger	6
mundo	6
Castel Gandolfo	6
Sé Vacante	6
helicóptero	4
chefe	3
Católica	3
camerlengo	2

A TABELA 1 apresenta a contagem dos termos mais citados nas três reportagens produzidas durante a cobertura da renúncia papal realizada pelo enviado especial Rodrigo Lopes. A quantidade de vezes apresentada na tabela é referente à soma de todas as reportagens. A palavra mais citada na cobertura é *Papa/papas*, considerada nesta análise como um termo só. Ela aparece 46 vezes na cobertura, sendo 20 na primeira reportagem, 14 na segunda e 12 na terceira. A escrita de *papa* é feita com a primeira letra tanto em maiúsculo quanto em minúsculo, sem seguir um padrão. Essa titulação é utilizada para se referir a *Bento XVI*, mas também a seus antecessores no cargo. Outros papas que renunciaram são citados na cobertura, de forma que o leitor possa entender como é o procedimento.

O segundo termo que aparece com mais frequência é *Bento XVI*, citado 18 vezes. Não são expostos as ações de *Bento XVI* como chefe da Igreja. As referências são para a renúncia e suas possíveis causas, apresentadas pelo repórter. O *camerlengo*, cardeal responsável por administrar a Igreja Católica, não recebe tanto destaque. A denominação aparece duas vezes ao longo da cobertura, sendo explicado apenas uma vez, na segunda reportagem.

Cardeal/cardeais, considerado termo único, é repetido 16 vezes. Os *cardeais* aparecem no texto como aqueles que têm a chance de se despedir de *Bento XVI*. *Vaticano* é citado 15 vezes. Faltam informações sobre o que é o *Vaticano*, onde está localizado, como é a sua política, espaço geográfico e população. Os *cardeais*, relacionados no texto com a despedida do Papa, aparecem mais vezes do que o *Vaticano*, local do acontecimento.

Igreja aparece 13 vezes, assim como o verbo *despedir* e *despedida*, considerado como termo único. A *Igreja* aparece nas reportagens quando se fala em seu chefe, líder ou responsável por administrá-la. A reportagem que mais cita *despedida* é a primeira, a qual contabiliza nove citações. É feita a repetição do termo várias vezes, mas sem acrescentar informações. O contexto é do *papa* que se despede.

Dia/dias, considerado como termo único, foi escrito 12 vezes nas reportagens. Ele é utilizado como marca temporal para o período em que *Bento XVI* ocupou o cargo de chefe da Igreja Católica e para situar datas de acontecimentos que envolvem a renúncia. Em alguns casos, a transmissão da informação passada com a palavra *dia* poderia ser feita da mesma forma sem que ela estivesse ali.

As palavras *Emérito* e *Roma* são citadas nove vezes cada, assim como *Pontífice/pontífices*, considerados na contagem como termo único. O título *Emérito* é

destinado ao Papa Bento XVI após a renúncia. A cidade de *Roma* é utilizada como sinônimo de *Vaticano*, porém são lugares diferentes. O significado de *Pontífice* não é apresentado ao leitor, mas é possível entender a mensagem, já que o repórter escolhe esse termo como sinônimo de *Papa*.

Conclave e *fiéis* aparecem sete vezes cada. O significado de *conclave* e a maneira como a expressão surgiu e é explicado na cobertura. Alguns *conclaves* são citados, como o que elegeu *Bento XVI* e o mais que demorou mais tempo e deu origem ao termo, o de *Gregório X*. A palavra se repete, mas acrescenta informações nas reportagens. O sentido de *fiéis* nos textos não está claro. É usado para falar das pessoas que estão acompanhando a renúncia. Porém, nem todos os que estão lá são *fiéis* ao *Papa*. Não são descritas as manifestações do público para que sejam considerados fiéis.

As expressões *Ratzinger*, *mundo*, *Castel Gandolfo* e *Sé Vacante* são citadas seis vezes cada. O sobrenome *Ratzinger* é usado como sinônimo de *Bento XVI* para falar das ações que envolvem a renúncia e de como ele foi eleito *chefe* da *Igreja Católica*. *Ratzinger* não é citado na terceira reportagem. *Mundo* aparece duas vezes em cada reportagem. Foi o termo escolhido para enunciar que pessoas de todos os lugares acompanhariam a renúncia papal. A expressão *Sé Vacante* é explicada nas matérias, com exceção da primeira, na qual não é citada.

Faltam dados sobre a localidade de *Castel Gandolfo*, residência provisória do *Papa Emérito*. Algumas informações são transmitidas na cobertura, por exemplo, população e distância de *Roma*, mas o cenário não é descrito. Por estar sendo enviado para reportar os acontecimentos, o objetivo do trabalho do jornalista é a “observação da realidade e a descrição daquilo que é apreensível à instituição jornalística” (MELO, 2003, p. 63), características que devem estar presentes no texto informativo. O repórter poderia acrescentar outros dados à narrativa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estilo de narrativa de cada repórter é diferente, assim como as escolhas para noticiar os acontecimentos. O destino e o evento para os quais o jornalista é enviado para realizar cobertura interferem nas ações para produzir as matérias e no resultado obtido. Se for para uma zona de conflito ou para um desastre natural, o repórter vai ter que enquadrar o seu comportamento de acordo com as possibilidades e levar em consideração a

autopreservação. As escolhas do tipo de cobertura internacional estudada e de análise para realizar este trabalho influenciaram diretamente no resultado alcançado.

A análise de conteúdo de três reportagens, separadas e em conjunto, feitas pelo enviado especial Rodrigo Lopes para o jornal *Zero Hora* na cobertura da renúncia do Papa Bento XVI, entre 26 e 28 de fevereiro de 2013, mostrou, com base no referencial teórico, como é o texto jornalístico do repórter que está sozinho em campo e distante da redação. As reportagens não são longas e apresentam breves retomadas históricas sobre um ou dois assuntos ao longo da cobertura. Apesar de ser uma das editorias que mais recebe pautas, existe pouco referencial teórico referente às notícias que acontecem fora do território nacional.

Os entrevistados não são aqueles que acompanham o papado de Bento XVI, mas sim sacerdotes que passam opiniões de dentro da própria Igreja Católica. A ausência da fala de pessoas que não têm contato com o Papa e não estão envolvidas por “obrigação” na renúncia deixa de enriquecer o conteúdo produzido pelo enviado especial. Como ele está no Vaticano, deveria se misturar à multidão e coletar depoimentos para colocar nas reportagens.

Ambientar as informações abordadas nas reportagens é fundamental para o enviado especial. Por meio de descrições e explicações de termos, muitas vezes desconhecidos, o leitor consegue entender a mensagem e recriar o cenário no qual o acontecimento se realizou. Esse recurso não foi bem explorado pelo repórter. Diversos termos aparecem sem explicação do que são e lugares são citados sem dados para que o leitor possa se localizar. Por a cobertura ter sido realizada no exterior, é de extrema importância que essas informações apareçam ao longo da reportagem, considerando que é uma realidade desconhecida para os leitores da *Zero Hora*.

A repetição de palavras torna o texto cansativo. Se elas fossem empregadas de maneira adequada, dando sentido à matéria e acrescentando informações, não teria problema. Os termos relacionados ao assunto da cobertura, como *papa* e *Vaticano*, se destacaram. Outros também foram selecionados por aparecerem apenas uma vez, mas terem impacto na construção do texto, exemplo da palavra *infieis*, presente na segunda reportagem. Porém, por apenas serem palavras repetidas, sem agregar novas concepções ao que está sendo transmitido, elas comprometem a fluência do texto. O uso de sinônimos é aplicado e aceito no trabalho jornalístico, desde que o sentido se mantenha o mesmo. Em

alguns momentos esse recurso foi utilizado, mas com termos que não correspondem ao significado da expressão original.

Ter conhecimento sobre o assunto que se está cobrindo facilita o trabalho. Entretanto é importante que o repórter não entre na zona de conforto e lembre que não são todas as pessoas que sabem do que se trata a pauta. Por isso, é importante esclarecer, pelo menos uma vez em cada reportagem, os termos que possam causar dúvida. Só assim a mensagem é transmitida de forma clara. O enviado especial considerou que os leitores já conhecem as expressões utilizadas e não colocou os seus devidos significados. Isso resultou na repetição de termos que não acrescentavam novas informações à mensagem.

Ao considerar apenas as reportagens feitas pelo enviado especial durante a cobertura, observa-se que elas poderiam ter sido escritas sem sair da redação. As informações apresentadas nos textos poderiam ter sido enviadas pelas agências de notícias e as entrevistas poderiam ter sido feitas pela internet ou por telefone. Os relatos e informações exclusivos de quem está no local do acontecimento não aparecem nas reportagens, de forma que a presença do enviado especial no Vaticano não se justifica apenas pela produção das reportagens.

Para a cobertura da renúncia do Papa Bento XVI, o enviado especial Rodrigo Lopes produziu material para outras mídias além do jornal impresso. Esse encargo como jornalista multimídia é útil por produzir conteúdo em diferentes plataformas, mas faz com que o repórter não consiga se dedicar adequadamente ao que está fazendo. O tempo para realizar cada tarefa é reduzido, o que implica na qualidade do conteúdo produzido. Se a preocupação fosse exclusiva para fazer as reportagens, os textos teriam sido mais bem explorados, com mais informações sobre a renúncia e a sucessão papal.

Ao viajar para o exterior, é preciso se adaptar aos costumes e idioma locais. A questão cultural teria sido facilitada se o repórter falasse italiano. Ele precisou de ajuda com as traduções. Por não ser o próprio enviado especial a traduzir as informações, pode ter-se perdido conteúdo, já que é o jornalista quem tem o preparo para identificar os elementos mais importantes e que devem constar nas matérias. Algum detalhe pode ter ficado de fora por quem traduziu o conteúdo. Além disso, o enviado especial também não pode se atualizar pelos meios de comunicação italianos, já que não compreendia o idioma.

Existe informação na cobertura, mas outros tópicos poderiam ter sido abordados além da despedida do Papa Bento XVI, da escolha da sua titulação de Papa Emérito e outros chefes da Igreja Católica que também renunciaram. Seria interessante informar ao

leitor uma prévia do funcionamento do conclave, quem e quantos são os participantes, de onde eles vêm e qual é o custo da sucessão papal. A ausência de outros dados pode ter levado quem leu as reportagens a procurar outras fontes de informação mais completas.

O texto jornalístico feito por Rodrigo Lopes é claro e objetivo. No entanto, as repetições de expressões e ausência de novas informações tornam a leitura menos fluente. A falta das descrições do cenário em que o enviado especial se encontra não permite que o leitor compreenda como foi a despedida para quem vivenciou o momento diretamente do Vaticano. As informações sobre a renúncia papal estão presentes nas reportagens da cobertura. Porém, o enviado especial poderia ter ido além e tirado proveito de estar no Vaticano, de modo a acrescentar falas de quem estava lá para humanizar o seu relato.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Luiz. *Técnica de jornal e periódico*. 4. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.
- BERGER, Christa. Do jornalismo: toda notícia que couber, o leitor apreciar e o anunciante aprovar, a gente publica. In: PORTO, Sérgio Dayrell (Org.). *O jornal: da forma ao sentido*. 2. ed. Brasília: UnB, 2002. p. 273–284.
- BLÁZQUEZ, Niceto. *Ética e meios de comunicação*. São Paulo: Paulinas, 2000.
- BOND, Fraser F. *Introdução ao jornalismo: uma análise do quarto poder em todas as suas formas*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Agir, 1962.
- BUCCI, Eugênio. *Uma profissão, um conceito*. Revista de Jornalismo ESPM, São Paulo, ano 1, n. 3, p. 26-30, 2012.
- CAVERSAN, Luiz. *Introdução ao jornalismo diário: como fazer jornal todos os dias*. São Paulo: Saraiva, 2009.
- COSTA, Lailton Alves da. Gêneros Jornalísticos. In: MELO, J. M. de; ASSIS, F. de (Org.). *Gêneros jornalísticos no Brasil*. São Bernardo do Campo: UMESP, 2010.
- KUNCZIK, Michael. *Conceitos de jornalismo: norte e sul*. São Paulo: EDUSP, 1997.
- LOPES, Rodrigo. *Guerras e tormentas: diário de um correspondente internacional*. 1. ed. Porto Alegre: BesouroBox, 2011.
- LOPES, Rodrigo. Procedimentos da cobertura da renúncia do Papa Bento XVI. Entrevistador: L. Gomes da Silva, 2013. 1 arquivo sonoro (58min6s). Entrevista concedida à monografia Renúncia Papal: uma análise de conteúdo das reportagens de Zero Hora.
- MELO, José Marques de. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. 3. ed., rev. e ampl. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

NATALI, João Batista. *Jornalismo internacional*. São Paulo: Contexto, 2004.

PEUCER, Tobias. Os relatos jornalísticos. *Revista Estudos em jornalismo e mídia*, Florianópolis, vol. 1, n. 2, p. 13-30, 2004.

RECH, Marcelo. *Enviado especial: passageiro da história*. 1. ed. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1997.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. *Correspondente internacional*. São Paulo: Contexto, 2011.

SIQUEIRA, Ethevaldo (Org.). *Tecnologias que mudam nossa vida*. São Paulo: Saraiva, 2007.

SODRÉ, M.; FERRARI, M. H. *Técnica de redação: o texto nos meios de informação*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977.

SODRÉ, M.; FERRARI, M. H. *Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística*. São Paulo: Summus, 1986.